

Do hermetismo

"Se os olhos pudessem perceber os demônios que habitam o universo, seria impossível viver." (Talmud, Berakhot, 6)

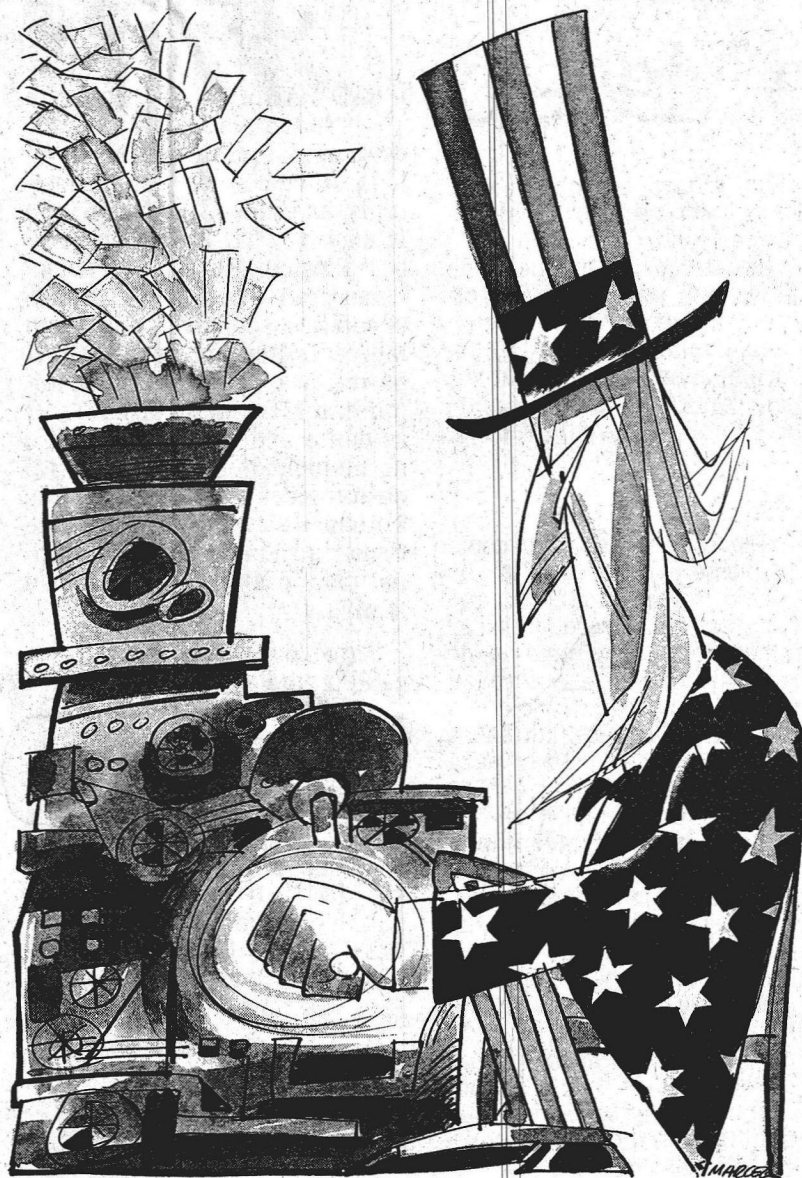
ARMANDO SÉRGIO FRAZÃO

No dia 15 de novembro, por voto unânime, a Reserva Federal aumentou suas taxas referenciais de juros pela, se não me engano, quinta vez este ano. O mercado esperava um ajuste de 0,50%. Queria 1%, entretanto. O Federal Open Market Committee optou por 0,75%. A taxa de desconto ficou em 4,75% e a dos Fed Funds (a taxa com que os bancos se financiam uns aos outros) em 5,50%. A explicação continua a mesma: calor tropical no ritmo de crescimento da economia norte-americana e, portanto, risco de inflação à vista. O dólar subiu (contra moedas fracas como o *deutsche-mark*, o iene e o franco suíço, não contra o real porém), as grandes bolsas despencaram, assim como os juros longos. Não durou muito, entretanto, para que tudo voltasse à mesmice. É opressiva a monotonia. Afinal, pergunta-se o Universo Conhecido (UC), quanto falta para chegarmos ao fim da *grande débâcle* de 1994? Diotallevi responderia que estamos numa Sefirah, regida pelo dígito 4 e com ascendente no karma de George Soros: como se sabe, em 1974, 1984 e 1994, o fãmanado argenteiro americano-magiar perdeu amazonas de dinheiro. Ora, o Hermetismo ensina que o fado do Príncipe Que Reina (PQR) transmigra para o Mundo Sob seu Domínio (MSD), como tão bem demonstraram Madame Blavatsky e os Sinarcas do Oriente de Thebas. De forma que, em 1º de janeiro de 1995...

Já um dos maiores bancos do UC, a Union de Banques Suisses (UBS) afirma em carta (novembro) aos clientes: "A previsão estava certa, a realidade é que está errada."

Muito justo; diáfano, mesmo.

Blasfêmia!, clamam economistas neo-ergometristas ligados à Universidade de Upsala: o problema radica-se na Queda do Muro de Berlim (QMB) que provocou um desequilíbrio profundo nas estruturas laborais universais cujas consequências ainda se fazem sentir. Analistas (outrora) cartesianos, é claro, dão de ombros a essas estroinices e avançam conclusões absolutamente racionais. Jean-Luc Lederrey, por exemplo: o (outrora) preclaro redator de economia do rigoroso "Journal de Genève" editorializava na primeira página da edição de 16 de novembro que "o mercado globalizado amplifica os desequilíbrios da economia real" (ER). Como no se me ocorreu? No mesmo suelto, o audaz Jean-Luc assevera que a paulada do FED "deverá sustentar nos próximos meses a alta do dólar norte-americano". Mais adian-



te, num lapso à la Sigmund, constata que "raras vezes economistas e investidores se enganaram tanto nas suas previsões como no começo deste ano", verificação que deveria fazer sua, e eximir-se de prognósticos temerários. Enquanto se produzem toneladas de insensatez impressa, sangram as poupanças.

Revenons à l'empire des faits, como dizia André Selon, às vezes sem atribuição de autoria.

Dos antigos alfarrábios de finanças sobrou intacta, este ano, apenas a Lei da Oferta e da Procura. Tudo mais levou parruda injeção de relatividade. Bruxarias protologarítmicas que ensandecem (literalmente) de alegria os cambistas, as chamadas

"curvas Elliot" foram translúcidas como a lama. Os famigerados "fundamentais macroeconômicos" tiveram o valor referencial de mercúrio sem recipiente. Leitor atento, entre fevereiro e agosto deste ano, colecionei uma poliglota biblioteca de sandices econômicas que eventualmente enviarei a J. P. O'Rourke, a título de mimo natalício. Como se sabe, O'Rourke acaba de publicar "All the troubles in the world: The lighter side of overpopulation, famine, ecological disasters, ethnic hatred, plague and poverty" (Atlantic Monthly Press, 340 páginas). Talvez meus subsídios sirvam para uma segunda edição, revisada, e expandida para incluir a tribo antiga dos poupadores.

No império dos fatos, um apenas reluz: sangram as poupanças. Raras vezes vi tantas reputações desgastadas. Salvaram-se os desconfiados que por atitude intelectual hesitam em transpor a barreira da Lei da Oferta. Esses, já em janeiro, perceberam a consolidação de dois grandes fluxos de capitais: a internação da poupança externa japonesa, transformada em ienes, e o exodo da poupança norte-americana, convertida num caudal de dólares canalizados para um recôncavo já deles cheio. Em janeiro, um dólar valia 1,76 marco; na data desta redação, valia 1,54 marco, as cinco subidas dos juros ianques não obstante. Isso para não falar das tão fúteis quanto intermináveis intervenções de bancos centrais do G-7 para sustentar a claudicante moeda americana. Há dólares demais no mundo e pouca coisa interessante a com eles comprar. Por enquanto.

A política de juros ascendentes da Reserva Federal teve pelo menos o resultado positivo de estabilizar (ainda que de forma precária) os mercados de câmbio e bursáteis. Chama-se isso *range trading*, ou seja, oscilações mais ou menos suaves de preços. No fundo, trata-se de uma anestesia. É improvável haver cataclismos em Wall Street. Em compensação continuaremos a viver um período de expectativas cadentes em matéria de lucros *dollar-based*. A flecha da mais-valia aponta (literalmente) para o Sul. Do que preocupar o Banco Central do Brasil. Vigindo em glória a Lei da Oferta e da Procura (sobretudo o segundo termo da equação), o capital internacional continuará atraído — e cada vez mais — pelos mercados ditos emergentes, o nosso inclusive. O tamanho do maremoto vem medido com grande precisão na edição de novembro do "Emerging Market Analyst", publicação setorial do reputado Bank Credit Analyst Research Group. A matriz de alocações preferenciais de recursos do EMA dá destaque a seis países: Coreia, México, Índia, Indonésia, Argentina e Brasil (*best buys, expensive, good fundamentals*). Repare-se que todos estão na órbita do dólar norte-americano. Muito apetitosos; até no risco cambial. Hedging é fácil e barato, esse.

Há alguns dias atrás, abriram-se as portas genebrinas do Amas Bank (Switzerland) Ltd. E o braço financeiro de um dos maiores conglomerados indianos, o Hinduja Group. Instalaram-se na Cidade de Calvino para evitar intermediários. E dizem-se herdeiros da civilização que floresceu no Vale dos Hindus, há cinco mil anos.

Madame Blavatsky adoraria.

Armando Sérgio Frazão é diplomata.